



RUMO À PERIFERIA GLOBAL: OS SENTIDOS PRODUZIDOS POR SUJEITOS BRASILEIROS AO MIGRAREM PARA PAÍSES PERIFÉRICOS

Thaís Valim Ramos*

Resumo: Este artigo, fundamentado na análise do discurso pecheutiana, busca analisar o discurso de brasileiros que migraram para Angola e Nigéria a fim de apreender as relações que os sujeitos que migraram para países periféricos estabelecem com estes e com o Brasil. Sabendo que o Brasil se situa entre os periféricos, mas considerado em desenvolvimento, o brasileiro, quando estabelecido em outros países periféricos, assume uma postura de colonizador, desejando manter-se como estrangeiro neste lugar, podendo ser exaltado pelos locais como também podendo sofrer retaliações, restrições, ser estigmatizado por sua posição de estrangeiro. Esta postura assumida pelos brasileiros ocorre devido à impossibilidade de receber informações precisas para interpretar os novos dizeres, baseando, assim, sua interpretação na memória discursiva que os constitui.

Palavras-chave: Imigração. Países Periféricos. Representação

Abstract: This article, based in the discourse analysis Pecheutiana, seeks to analyze the discourse of Brazilians who immigrated to Angola and Nigeria in order to apprehend the relations the subjects that migrated to peripheral countries establish with them and with Brazil. Knowing that Brazil is among the peripheral, but considered in development, the Brazilian, when established in other peripheral countries, assumes a position of colonizer, wishing to remain a foreigner in this place, being able to be exalted by the locals as well as being able to suffer retaliation, restrictions, be stigmatized by his position as a foreigner. This position assumed by the Brazilians occurs due to the impossibility of receiving accurate information to interpret the new words, thus basing their interpretation on the discursive memory that constitutes them.

Keywords: Immigration. Peripheral Countries. Representation.

*Universidade de Passo Fundo - UPF,
Passo Fundo, RS, Brasil.

Professora do Programa Graduação em Letras da
Universidade de Passo Fundo.

E-mail: thaivr@gmail.com

DOI: 10.19177/memorare.v5e220182-20



REVISTA
MEMORARE

 UNISUL
www.portaldeperiodicos.unisul.br
ISSN 2358-0593

1. Introdução

Para este início é importante trazer a questão das relações de desigualdade-subordinação historicamente inscritas no cenário internacional, as quais constitui uma luta entre países. Nessa luta, os países dominantes e, portanto, mais poderosos, impõem sua formação ideológica aos demais, e esta se reproduz ao colocar o seu modo de vida como "globalizável". Por conseguinte, sob o disfarce da globalização, essa ideologia mantém o lugar e as condições da reprodução dessas relações de poder que vão se repetindo nos discursos dos sujeitos, que desejam fazer parte da outra cultura e, para tal, reproduzem o que lhes dão a ver e assumem seu lugar de subordinado. Partindo deste pressuposto, neste artigo, pensamos a questão da migração entre países periféricos, ou seja, de brasileiros que migram outros países periféricos, a fim de buscar pistas nos discursos produzidos por estes sujeitos que indiquem as posições que assumem ao migrarem para estes países, bem como as representações produzidas acerca destes e do Brasil.

Sabendo que o Brasil se situa entre os países periféricos, mas considerado em desenvolvimento, estudamos as relações que os sujeitos que migraram para Angola e Nigéria estabelecem com estes e com o Brasil. Para este estudo, filiados à análise do discurso pecheutiana e também mobilizando conceitos de autores como Bauman, da sociologia humanística, os quais dialogam e contribuem com a pesquisa, contamos com um arquivo constituído por relatos de brasileiros que estão morando em Angola e na Nigéria há mais de um ano. Os relatos foram obtidos via Skype, após contato e aceite por e-mail.

Para iniciarmos a reflexão, precisamos trazer para discussão a noção de globalização, os efeitos de sentido e as relações de poder que este termo abarca, para então tratarmos das relações entre países, bem como das questões pertinentes à imigração, já que é quando pensamos o papel dos países periféricos no cenário mundial que sentimos uma necessidade maior de aprofundar o tema.

2. A globalização

Um dos efeitos de sentido que o termo globalização encerra é de integração. Segundo (Li-moeiro-Cardoso, 1999, p. 106), a noção de globalidade "remete a conjunto,

integralidade, totalidade. A palavra 'global' carrega consigo esse mesmo sentido de conjunto, inteiro, total", sendo seu oposto o dividir, o excluir. Alude-se a uma sociedade mundial, de paz mundial, de economia mundial, o que levaria a uma homogeneização dos modelos de consumo e da cultura. Na globalização, há a predominância da economia de mercado e do livre mercado, o máximo possível é mercantilizado. O princípio que orienta é de que é o mercado, e não o Estado, o agente capaz de fazer prosperar as questões econômicas da sociedade. Essa direção do global aparece como inevitável, e suas características dominantes, estabelecidas por consenso pelos países centrais, são reconhecidas como as evidentes e adequadas para a situação mundial atual. Dessa forma, seus sentidos são naturalizados.

No entanto, nada é mais seletivo que um investimento que busca rentabilidade máxima, feito que se fortalece com a possibilidade que os países centrais encontram, por meio da globalização, de entrar nos países periféricos e desfrutar de mão de obra barata, bem como, isenção de taxas, entre outros benefícios. Assim sendo, a globalização "não tem nada a ver com um processo de integração mundial que seria um portador de uma repartição menos desigual das riquezas. Nascida da liberalização e da desregulamentação, a mundialização liberou, ao contrário, todas as tendências à polarização e à desigualdade" (CHESNAIS, 1996, p.12). O fenômeno da globalização trata da necessidade do capital de expandir em escala mundial. Para tal, a ideia da globalização se apresenta como uma possibilidade para os países pobres progredirem à luz dos países ricos, aos quais caberia a função de mostrar o caminho. Dito de outro modo, sob a ilusão de que os países ricos têm a fórmula do sucesso e do progresso, os países pobres abrem suas fronteiras para as multinacionais à espera de obter melhoramentos. Funciona aqui o princípio de exercício das propagandas políticas que conduziu o proletariado a seguir o juridismo burguês que Pêcheux (2011 [1979], p. 83) aponta não ter parado de ecoar historicamente entre a burguesia e o proletariado: "se isso funciona tão bem pra eles, por que não funcionaria para nós?". Sob a ilusão de que é um processo consensual, no qual todos os países têm voz e os mesmos privilégios, o que vigora é justamente o contrário, não há nada de consensual e o que prevalece são os conflitos entre grupos sociais, interesses hegemônicos de um lado e interesses subalternos de outro.



O discurso da globalização silencia essas questões, fazendo emergir "a existência de formas de onipotência no chamado domínio pessoal em que a posição é 'se eu quiser, eu posso tudo' e essa posição aparece como se sustentando na vontade e na consciência", conforme aponta Orlandi (2012, p. 213). A autora (ibidem, p. 213) acrescenta que "há formas de onipotência também do social 'juntos podemos tudo', posição que se sustenta na quantidade e na pretendida consciência coletiva". Apaga-se o histórico, as relações de poder, o político e o ideológico e sugere-se que, quando se quer, se pode tudo fazer. Esse é um dos efeitos da ideologia, que atua atribuindo os sentidos a serem empregados ao mesmo tempo em que mascara sua atuação sob a evidência do sentido.

Na globalização, vista como resultado da natureza expansionista do capitalismo, no qual o processo de trabalho é organizado para a produção de mais-valia, temos em funcionamento o primado da luta de classes. Nesta organização, os países desenvolvidos são aqueles que possuem os meios de produção, enquanto os periféricos são detentores da força de trabalho. Diz Althusser (1973, p. 9) que as relações de produção:

[...] penetram nas forças produtivas, já que a força de trabalho que põe em ação as forças produtivas faz parte, ela mesma, das 'forças produtivas', e que [o] processo de produção capitalista tende sempre à máxima exploração da força de trabalho. E como é esta a tendência que domina todo o processo de produção capitalista, faz-se necessário dizer que os mecanismos técnicos da produção se encontram submetidos aos mecanismos (de classe) da exploração capitalista. (ALTHUSSER, 1973, p. 9).

A globalização, assim entendida, tem o seu processo de produção organizado para extrair mais-valia, que é, então, o elemento do capital como relação social. Assim, o movimento do capital global subordina os países periféricos aos países desenvolvidos numa relação de exploração, que é a luta de classes. Essas classes somente podem ser definidas em sua relação e no processo histórico da sua reprodução/transformação. Elas não existem independentemente uma da outra, assim como a ideologia da classe dominante não se dá sem conflito, mas no embate, no encontro com a ideologia da classe dominada. Lembrando que, conforme traz Pêcheux (2009 [1975], p. 130),

[...] é impossível atribuir a cada classe sua ideologia, como se cada uma vivesse "antes da luta de classes" no seu próprio campo, com suas próprias condições de existência, suas instituições, seus "hábitos" e "mentalidade" específicos, o que viria a conceber a luta de classes como o encontro de dois

mundos distintos preexistentes – esse encontro, sendo seguido pela vitória da classe "mais forte" que imporia, então, sua ideologia à outra.

Como, então, no mundo globalizado, a ideologia dos países desenvolvidos se impõe e se reproduz sobre a ideologia dos países periféricos? Os sujeitos são interpelados como livres, como parte de um contrato de "liberdade-igualdade" dentro da ordem do mercado, que prevê as relações de produção. Essas relações se mantêm devido aos AIEs¹. Estes não reproduzem pura e simplesmente as relações de produção existentes, mas as divide em regiões (Deus, a Moral, a Lei, a Justiça, a Família, o Saber, etc.), assim como produz “as relações de *desigualdade-subordinação* entre essas regiões que constituem o palco da luta ideológica de classes” (Pêcheux, 2014 [1984], p. 5). A luta se dá a fim de impor novas relações de desigualdade-subordinação no interior dos AIEs, assim, dominante e dominado se constituem ao mesmo tempo.

A imposição de uma ideologia sobre outra não acontece somente a partir de uma dominação externa, mas também se manifesta na organização interna da ideologia dominada. O sujeito interpelado pela ideologia carregada dos sentidos dominantes se singulariza e é tomado na evidência empírica de sua identidade e de seu lugar, bem como se desdobra num Sujeito universal que, sob a forma de Deus, Justiça, Moral, etc., repassa a evidência de que o mundo é assim e sempre foi. Dessa forma, o sujeito se assujeita para "livremente" seguir sozinho.

É dessa forma que se mantêm as relações de classe entre os países ricos e os países pobres. Nesta relação, os países pobres, sob a ilusão da igualdade de condições e oportunidades no cenário mundial, são culpabilizados pela sua condição. Esta relação pode sofrer inversões, revoltas, ela pode falhar devido aos "maus sujeitos", sendo, então, necessária a intervenção dos ARES², que, no mundo global, podemos considerar as ameaças de guerra, bombas nucleares etc.

Retomando a questão da imigração, esta sempre existiu, mas é quando se começa a falar na globalização na década de 1980, tendo uma maior difusão após a queda do Muro de Berlim e o fim da Guerra Fria, que a questão se intensifica. Bauman (2013, p. 36-37) aponta três fases distintas que constituem a história da migração moderna. A primeira refere-se à emigração de 60 milhões de pessoas da Europa (única

¹ Aparelhos Ideológicos do Estado

² Aparelhos Repressivos do Estado



área em processo de modernização na época das grandes navegações, ou seja, único território superpovoado) para "terras vagas" a fim do continente desfazer-se de seus excessos. A segunda compreende o retorno à terra natal dos sujeitos referidos na primeira fase devido ao declínio dos impérios coloniais. Algumas das populações nativas (com variados graus de educação e sofisticação cultural) seguiram os colonialistas, estabelecendo-se em cidades e transformando-se em minorias étnicas, linguísticas ou culturais. Esta fase ainda não terminou segundo diz o autor (BAUMAN, 2013). A terceira fase, em pleno curso, compreende a era das diásporas. São grupos étnicos, religiosos, sem preocupação com o caminho feito pelo episódio imperial/colonial, que seguem a lógica da redistribuição global dos recursos e das chances de sobrevivência no atual estágio da globalização.

É neste cenário global em que se estabelecem as relações entre países ricos e países pobres que pensamos a questão dos brasileiros que migraram para países periféricos Angola e Nigéria.

3. Representações sobre os países periféricos

A divisão do mundo em países "desenvolvidos" e países "periféricos" gera uma visão negativa, uma espécie de preconceito por parte dos estrangeiros que se estabelecem em países periféricos. Estes estrangeiros normalmente migram para estes países devido a propostas de emprego. Apresentam-se como "expatriados"³ e vão com a ideia de ficar um tempo e depois seguir para outro lugar. O desejo é sempre um país desenvolvido, já que a imagem que se tem deste é de um lugar onde tudo funciona.

Para falar sobre as representações acerca dos países periféricos, recorreremos às sequências discursivas abaixo:

SD 1 - Muitas pessoas que tão morando aqui é também para juntar dinheiro, porque morar num país tão, né? A gente não mora num país só por, né? A gente não mora aqui pela beleza do país. (Ana - Nigéria)⁴.

SD 2 - Fui meio ressabiada, porque não sabia o que ia encontrar lá. Eu só sabia que a Angola era um país muito pobre, então, eu fui com um ponto de interrogação muito grande. (Laura - Angola).

³ O termo expatriado carrega um sentido positivo, já que, no mundo dos negócios, se refere a alguém que veio trabalhar, alguém que já tem seu lugar definido.

⁴ Os nomes usados para identificar os recortes são fictícios para fins éticos.



SD 3 - Quando a gente chegou na Angola, a maioria é negro, certo? Aí, a gente saía na rua, a gente ficava meio com medo né, e as pessoas lá são mal encaradas assim, mas tem um sorriso lindo, então quando abrem aquele sorriso quebra a imagem fechada, sabe? (Laura - Angola).

O preconceito com relação aos países periféricos é marcante nestes recortes. Ana, SD 1, refere-se ao fato de os sujeitos se deslocarem para estes países somente pelo dinheiro, um paradoxo, já que se trata de um país muito pobre. Ela busca uma palavra para descrever esse lugar, mas não encontra, talvez porque, sob a ilusão de controlar seu dizer, não quisesse soar preconceituosa. No entanto, ao deixar os dizeres "morar num país tão, né? A gente não mora num país só por, né?", em suspenso ficam à mostra as marcas de seu preconceito. Há uma dificuldade em dizer, em falar do outro, talvez porque falar do outro implique falar de si e daí a grande hesitação do sujeito enunciador na SD1 observada nesta sequência. Por fim, refere-se à falta de beleza do país. Beleza que é relativa por se tratar de padrões determinados pela classe dominante. É imposto ao sujeito "civilizado" a obrigação de apreciar a beleza, mas precisa ser aquela que atende aos padrões ditados. À vista disso, a beleza só é vista e reconhecida por aqueles que devem vê-la para permanecerem no lugar em que estão.

Freud, em "O mal-estar na civilização" (1996 [1930]), aborda a exigência de que se valorize a beleza, a limpeza e a ordem como sinal de civilização mesmo que estes não sejam lucrativos. A falta destes atributos é incompatível com a civilização. Dessa forma, a falta de beleza a que se refere Ana está relacionada à condição bárbara desse povo, bárbaro como oposição ao civilizado. Esta condição Ana remete à ordem do que todo mundo sabe, o que pode ser concluído a partir do uso do conector "né". Com este uso, Ana busca os saberes que seriam partilhados com o interlocutor, considerando que aquilo a que se refere é de conhecimento de todos, é uma verdade.

Na SD 2, Laura mostra sua aflição e insegurança quanto ao que poderia encontrar na África. A palavra "ressabiada" revela a desconfiança/insegurança de Laura. Essa insegurança que Laura manifesta pode-se dizer que surge das representações negativas que são feitas desse lugar por se tratar de um país pobre, de periferia. Na conjuntura da globalização, os países que não estão ao alcance do consenso produzido pelo imaginário do que é ser "civilizado" são considerados bárbaros e selvagens e, por não atenderem aos padrões globais, são inferiorizados e excluídos. Orlandi (2012, p. 224) menciona que "o preconceito incide sobre a existência mesma do indivíduo,



negando-lhe a vida", ou seja, são seres inexistentes, inúteis à sociedade de consumo imposta no cenário mundial, o que resulta na segregação destes povos.

A relação com o perigoso, com o selvagem pode ser verificada na SD 3, quando Laura afirma sentir medo ao sair na rua pelo fato de as pessoas serem negras e, conforme seu juízo de valor, mal-encaradas. Além do termo mal-encarado, Laura refere-se ao sorriso para descrever o angolano, sendo o sorriso um gesto que significa acolhida para os recém-chegados, hospitalidade, indica que o sujeito está entre amigos, sendo a relação entre estes termos um tanto paradoxal. Os sentidos atribuídos ao termo mal-encarado podem ter relação com o corpo negro. Este traz consigo uma carga de significados construídos historicamente e que ainda ressoam bastante alto. São representações que se dão pelo viés da escravidão, quando os negros aparecem como mercadoria, condenados ao trabalho forçado, sujeitos passivos, apáticos e não civilizados por serem considerados seres inferiores. Dessa forma, o sorriso faz deslizar esses sentidos pré-construídos com relação ao negro.

Nas próximas SDs, é descrita a condição precária que marca os países periféricos: a desigualdade social dentro do país, o que facilita a exploração externa, já que a elite local contribui para tal cedendo às imposições do capital global; a falta de condições básicas para a sobrevivência, tais como moradia e saneamento básico, o que coloca em risco a saúde da população. Está presente a imagem da sujeira em oposição à imagem da limpeza que, juntamente com a beleza, faz parte dos atributos do mundo civilizado.

SD 4 - Tem uma desigualdade social muito grande, o cara muito rico e o cara muito pobre. É miséria, é viver, sei lá, porque é muita pobreza e daí tem uma classe média que eu digo que são os estrangeiros que vivem bem, que consomem. (Ana - Nigéria).

SD 5 - A pobreza, a falta, assim, de moradia deles, é uma coisa, assim, muito, é uma desigualdade muito grande, assim, que se vê, né? no país [...] os teus problemas se tornam mínimos, né, perto dessa realidade. (Suzy - Angola).

SD 6 - Não tem muito a questão do saneamento básico, não tem ainda. Então é, é um cheiro muito forte de lixo mesmo. No início, quando a gente chegou, tinha muito lixo na rua, principalmente lixo hospitalar, isso que me chocou bastante. Então, tu via assim, nas ruas, lixo por tudo. E assim, nos morros da cidade, assim, muito lixo. (Suzy - Angola).

SD 7 - Quando a gente foi pra Angola, foi muito ruim, ah, foi horrível, eu não gostei das pessoas, eu não gostava do cheiro do lugar, ah, quando você vai pra pousada, você começa a ver aquelas casinhas, aquilo tudo, foi muito difícil, foi muito chocante. (Ana - Nigéria).



Nas SDs 4 e 5, a questão da precariedade da moradia, a pobreza, a desigualdade social chocam. Situação que gera desconforto ao ser olhada de perto, sem o filtro da tela da TV. Lacan (1985 [1964], p.76) nos diz que o mundo não provoca nosso olhar, "quando começa a provocá-lo, então começa também o sentimento de estranheza", ou seja, quando se dá a ver o que estava até então invisível, vem à tona um sentimento incômodo. Dessa forma, o peso do visível cai sobre o sujeito, pois, sendo o "eu" acompanhado do "outro", o outro da periferia devolve uma imagem degradante na qual o sujeito recusa a se reconhecer, enquanto o outro dado a ver pelos países desenvolvidos resulta em objeto causa do desejo, aquilo que pode tamponar a falta constitutiva do eu. O outro que se faz ver nos países de periferia, tais como Angola e Nigéria, remetem a angústia da falta, o sujeito se resume a nada, ao vazio.

Esse desconforto pode ser verificado também na SD 7, quando Ana sente-se afetada pelo que viu e diz: "foi muito ruim, ah, foi horrível". A pobreza, longe dos olhos, não existe, torna-se invisível. Lacan (2003 [1993], p. 192) diz que "o olho é feito para não ver", no entanto, ao sermos olhados de fora por um "olhar outro", somos forçados a ver aquilo que foi privado do olhar. Segundo Haroche (2008, p. 145), "ao criar mecanismos de alienação e reificação, esses feitos, podem, pouco a pouco, despojar o indivíduo de sua capacidade de ver, privá-lo de seu olhar e de seu senso crítico". Dada a relação de exploração que organiza o capitalismo global, o olhar para países de periferia precisa ser desviado, pois para manter o fluxo do capital dos países desenvolvidos é necessária a condição da periferia.

Dessa forma, privados do olhar, da atenção global, a periferia do mundo não existe, e todos os olhares se voltam para os países centrais. O significado da pobreza desliza de uma carência com relação às necessidades básicas de sobrevivência para algo exótico que, sob a lógica do capital, é transformada em mercadoria. No Brasil, existem agências que promovem visitas a favelas, um exemplo é o "Favela Tour" no Rio de Janeiro, que tem ganhado cada vez mais espaço na mídia. Na África, a pobreza também tem servido ao espetáculo. Na África do Sul, um hotel de luxo, o Emoya Luxury & Spa, reproduziu uma favela sul-africana para oferecer aos seus hóspedes uma "experiência" numa favela. O material usado para construção dos barracos é o mesmo usado nas favelas, no entanto, os barracos são equipados com lareiras, rede wi-fi, aquecimento

entre outros luxos. É a globalização da miséria elevando a taxa de exploração e exclusão de vastos segmentos da população mundial.

O sujeito tornou-se descartável, assim como o lixo que o rodeia, mencionado por Suzy. O lixo representa o que se tornou inútil e feio. Na sociedade de consumo, os objetos tornam-se descartáveis, tornam-se obsoletos numa velocidade muito alta. Situação muito parecida com a descrita em Leônia, uma das cidades do livro “Cidade Invisíveis”, de Ítalo Calvino (1990, p. 105), onde a população, a cada novo dia, “veste roupões novíssimos em folha, extrai das mais avançadas geladeiras latas ainda intatas, escutando as últimas lenga-lengas do último modelo de rádio”. No entanto, para usufruir dessas novas mercadorias, a cada amanhecer “envoltos em límpidos sacos plásticos, os restos de Leônia de ontem aguardam a carroça do lixeiro” (ibidem, p. 105), uma “fortaleza de rebotalhos indestrutíveis que circunda Leônia, domina-a de todos os lados como uma cadeia de montanhas” (ibidem, p. 106). Seria Leônia o retrato da sociedade moderna? A produção do lixo é um efeito colateral inevitável da modernidade, já que, assim como os leonianos, os sujeitos modernos almejam obter prazer com as coisas, se melindram com o tédio e o trabalho penoso, o que importa é a satisfação instantânea do mundo do *prêt-à-porter*. No entanto, com o triunfo do consumismo, aumentam-se as montanhas de lixo.

O problema da produção de lixo em larga escala na sociedade moderna global não compreende somente os objetos usados e descartados diariamente, mas a produção do “lixo humano”, o “refugo humano” conforme diz Bauman (2005). Da mesma forma que as montanhas de lixo são evitadas, escondidas, também são evitados, tornados invisíveis os sujeitos os quais se pensa não ter utilidade para a sociedade. Estes não são pensados ou olhados, eles são inimagináveis. Ficam confinados em bairros problemáticos, ruas perigosas, guetos, campos de refugiados, entre outros. São áreas das quais somos afastados, já que esse refugio deve ser segredo, é o lado vergonhoso da produção moderna.

A sede pela modernização, guiada pelo mercado, pela comercialização dos modos de subsistência dos sujeitos, progrediu e atingiu todos os cantos do planeta. A expansão da forma de vida moderna a nível mundial provocou, conforme Bauman (2005, p. 14), um movimento grande de “seres humanos destituídos de formas e meios de sobrevivência – até então adequados, no sentido tanto biológico quanto



social/cultural". Além disso, se tem como resultado disso a problemática dos imigrantes e dos refugiados, que desempenham nas estratégias globais e na lógica da luta pelo poder um temor relacionado à segurança: os imigrantes representam o perigo, são indesejados e discriminados.

Privados de autoconfiança e de autoestima, estes sujeitos, uma vez no país do outro "civilizado", veem-se lutando pela sua subsistência e tornam-se incapacitados de encontrar uma forma de resistência, uma ação efetiva e aceitam sua condição de indesejados, desnecessários, supérfluos e intrusos. São os dispositivos de poder que operam nos detalhes cotidianos para transformar-se em uma vigilância generalizada.

Resumidamente, além dos objetos consumidos, também os sujeitos, enquanto mercadorias, neste cenário, tornam-se descartáveis quando não mais atendem às demandas do capitalismo. Qualquer trabalhador pode ser descartado, jogado fora como parte do "lixo humano", são excluídos do social e marginalizados. Uma vez descartados, desaparecem. "A visibilidade, portanto, apresenta-se como sinônimo de legitimidade, de utilidade, de garantia de qualidade", conforme sublinha Haroche (2008, p. 173). No entanto, a visibilidade dispensada é superficial, direciona-se somente às dimensões visíveis dos sujeitos.

As maneiras de olhar o sujeito remetem a questões sociais e políticas importantes, bem como à necessidade de atenção, consideração, respeito, reconhecimento e dignidade, sendo todas essas maneiras de nomear e designar a "necessidade de uma maior atenção às dimensões não visíveis das pessoas que se acompanham de um direito de olhar visando à proteção da integridade mais íntima de cada um" (HAROCHE, 2008, p. 145). É a dimensão violenta do olhar que, ao não olhar, não considera, não reconhece, nega ao sujeito o direito de existir. Por conseguinte, o olhar social serve aos interesses dominantes, relegando sujeitos e sociedades à invisibilidade, estimulando a desigualdade e o poder de uns sobre outros.

Relegar os sujeitos descartados à invisibilidade foi um dos papéis da colonização e das conquistas imperialistas, conforme apontado por Bauman (2005). A fim de absorver os excessos populacionais dos "países desenvolvidos", as novas terras serviram de destino para os sujeitos que precisavam ser removidos com o propósito de não contaminarem o processo de modernização. O medo da acumulação do "refugo humano" nas cidades estimulava a exportação dos "problemas sociais". Um dos

exemplos trazidos pelo autor (ibidem, p. 50) trata da "limpeza" em ampla escala que livrou Paris dos "rebeldes miseráveis" em junho de 1848. Estes eram transportados em massa pelo mar para Argélia. O fato se repetiu em 1871, porém para um novo destino, a Nova Caledônia. O problema era afastado para longe dos olhos e, dessa forma, esses sujeitos não eram olhados e desapareciam. Pode-se dizer que se inicia nesta época a globalização dos "corpos refugados", os quais eram e são vistos como um câncer que corrói o tecido social saudável do estilo de vida moderno.

Estes sujeitos tornados incessíveis, são emudecidos e inexistentes, assim como acontece com a situação dos africanos na África e daqueles em condição de refugiado. Invisibilidade que pudemos observar nos relatos trazidos neste capítulo frente ao choque das participantes da pesquisa ao se depararem com uma situação que desconheciam.

No sistema capitalista, o gênero humano tornou-se abstrato, sem efeito; fala-se dos direitos humanos porque a desigualdade entre os sujeitos, que sempre existiu e serviu até mesmo à base da ordem social, tornou-se gritante. No entanto, essa discussão acaba ficando em relatórios publicados pela Organização das Nações Unidas entre outros, conforme mostramos no trecho transcrito do relatório de 2003.

4. O imigrante na África

A contradição entre progresso e deterioração, entre inserção e exclusão derivada da globalização está cada vez mais evidente, resultando em regionalizações em oposição à globalização. Pode-se dizer que se trata de um retorno ao local, ao grupo ao qual pertence. Entretanto, Enríquez (2006) alerta para o perigo que pode resultar dessa reação, tais como os nacionalismos da África negra, que se traduzem pela eliminação e pelo massacre de populações inteiras (Ruanda); renovação dos integristas religiosos, gangues de bairro. Situações em que centenas de milhares de pessoas são expulsas de seus lares, assassinadas, forçadas a deixar seu país em busca de refúgio. Esses "exércitos de guerrilheiros", ocupados em dizimar uns aos outros, aniquilam o excedente populacional. Esse "colonialismo regional", diz Bauman (2005, p. 92), trata de uma "solução local" para um "problema global" que os "retardatários da modernidade" descobrem estar empregando. Os sujeitos se voltam para sua própria



identidade/grupo e evitam, discriminam e até mesmo eliminam o outro diferente. A questão da discriminação é reportada por Susy na SD 8.

SD 8 - A gente se sente imigrante aqui porque a gente não tem muita liberdade, assim, pra sair nas ruas e caminhar, assim, ahm, sem, sem, você ter o seu passaporte junto [...] essa desigualdade a gente vê no momento que tá dirigindo, por exemplo. Você vê assim os, as pessoas, né, os nacionais, ahm, passam pela polícia numa tranquilidade e quando vai passar um brasileiro, um português, um branco, né, como eles chamam, eles chamam os branco, né, ou os "pulas", é, então, eles param. É visível a desigualdade, né, a diferença que eles fazem com os expatriados né. (Suzy - Angola).

Nesta SD, Susy refere-se à falta de liberdade para se juntar à multidão. Ela é sempre apontada, chamada a prestar contas. Uma interpretação possível é que os locais tentam reproduzir a discriminação que sofrem pela sua condição. Elias e Scotson (2000) apontam para o fato de que, quando a desigualdade entre opressor e oprimido é reduzida, este apela para uma contra-estigmatização. Os autores (ibidem, p. 24) trazem o exemplo dos negros da América do Norte e o exemplo os povos submetidos à dominação europeia na África, entre outros. Podemos dizer que o relato de Susy se filia aos sentidos do segundo exemplo colocado pelos autores. Estes sujeitos estão na posição de comando, são o grupo poderoso neste contexto local. Outra maneira de mostrar que estão no comando é o uso de termos que estigmatizam o outro. A questão do racismo do negro contra o branco é muito forte em Angola, as marcas do colonialismo violento português estão bem vivas na memória dos angolanos negros. Estes, como uma espécie de punição, estigmatizam ou mesmo agridem os brancos ou mulatos. O termo "pula", mencionado no relato de Susy, é usado de forma pejorativa para se referir aos brancos. Por se tratar de uma gíria, não encontramos muitas referências a este termo, entretanto, para fins de entendermos seu sentido, reproduzimos alguns recortes de comentários retirados da internet.

Um exemplo de actuação de um grupo de jovens lumpens luandenses, no Cacém. Ia a passar um casal, ele branco, ela negra, e uma filha muito jovem. O grupo estava reunido num jardim e imediatamente começou a insultar o marido: «Seu branco de merda, seu **pula**, deixa a negra, seu cabrão!». Ele enfrentou-os mas foi ainda mais insultado com muito calão à mistura e chegou a ser espancado.⁵ (Negrito nosso).

⁵ RAMOS, 11 abr. 1997.



Já sofremos alguns pequenos atos isolados que mostram um certo racismo aflorado. Lembro-me agora de três: há algumas semanas, a P. protestou quando um jovem tentou furar a fila do pão. Ele foi para o final da bicha, mas começou a dizer que as eleições estavam chegando e que "esses pulas" iam ver o que é bom, que certos estavam os sul-africanos, que ele mesmo ia picar uns brancos com uma garrafa. Em outro episódio, no domingo passado, estávamos parados no trânsito do Roque Santeiro a caminho da Barra do Dande quando um bêbado fingiu atirar uma pedra contra o vidro do passageiro. A P. levou um susto e ele desatou a rir, mas chamou a nossa atenção que tenha feito a brincadeira apenas contra o nosso carro, dos **pulas**, quando havia centenas de outros parados como nós. Dois dias depois, a P. teve um pequeno incidente de trânsito quando conduzia a dorotéia, e a outra motorista desceu do carro transtornada, querendo agredi-la e xingando-a de "branca".⁶ (Negrito nosso).

Podemos observar nesses recortes o uso pejorativo, a carga de ressentimento e a cólera que o termo "pula" representa. Termos que estigmatizam o outro podem servir como uma forma de humilhação, que adquire seu sentido dentro de uma formação discursiva e das relações de poder que esta comporta. Embora Angola pertença à periferia mundial e seja excluída no contexto global, dentro do seu território, os negros em posição dominante reproduzem a retaliação que sofreram/sofrem no contexto mundial. A rivalidade, a disputa pelo poder, não permite que aquele pertencente ao grupo dominante se coloque no lugar do outro, seja solidário ou hospitaleiro com ele. Há uma generalização daqueles que são diferentes, e neles são projetados todos os medos, ressentimentos e ódio com relação ao que já sofreram. O outro, neste caso, o branco representando o colonizador é aquele que pode ferir, tomar seu lugar e, portanto, indigno de confiança e de empatia.

Ao passo que Suzy descreve esta situação de preconceito com relação ao estrangeiro branco, no relato de Ana abaixo temos uma situação contrária com relação ao branco na África.

SD 9 - Eles mesmos tem preconceito com eles mesmos. Então, por exemplo, assim, você vai ao supermercado, toda vez que você sai do supermercado você tem que mostrar sua nota fiscal e mostrar a sua compra porque apesar de você ter passado pelo caixa, você tem que conferir sua compra. Quando eles veem que você é branco, sabe que você tá vindo aqui no país deles e tá trabalhando, você deve estar trabalhando e tudo, eles já fazem vista grossa. Pegam sua notinha e só rasgam ou só assim atrás e nem olham as coisas. (Ana - Nigéria).

⁶ MIGAS, 10 ago. 2008.

Está presente nesta SD a distinção entre os brancos, aqueles que trabalham, têm dinheiro, e os negros como seu oposto. Nesta SD, um sentido possível é que ser da cor branca representa riqueza, permite que Ana não siga as mesmas regras aplicadas aos locais. Riqueza que é fruto do trabalho, como faz questão de dizer ao repetir duas vezes que os brancos estão ali, nesse país, a trabalho. Como um não-dito podemos inferir que não há outra razão para estarem ali, o que justifica certas regalias, já que estão trabalhando e contribuindo com o país.

A questão do preconceito interno, levantada por Ana nessa SD, nos aponta sua forma de interpretar o fato de não ter suas sacolas revistadas como os locais. Para ela, essa conduta se traduz em desconfiança dos nigerianos para com os seus iguais. Enríquez (2006) diz que "o mundo atual tende a tornar-se o do crescimento do desprezo, da generalização da desconsideração, do desrespeito, da recusa da diferença a que tem direito todo ser humano". Aquele que não atende aos padrões, assume a culpa para si e reproduz as condições de produção existentes, contribuindo para a manutenção do sistema vigente. O que dá aos estrangeiros, neste lugar, um estatuto de superioridade que impõe uma barreira, uma divisão que busca acentuar a diferença, o que neste caso não é usado para segregar o estrangeiro, mas para manter sua posição de superioridade, o que pode ser considerado nas SDs abaixo:

SD 10 - A gente tem motorista, mas não é luxo. Assim, todos os expatriados, todos os estrangeiros têm motorista. Porque, primeiro porque é uma maneira da empresa cuidar da segurança da família, tendo um local dirigindo, se acontece um acidente, na hora de discutir ali, eles resolvem, a gente não precisa se envolver. (Ana - Nigéria).

SD 11 - **Ana:** estrangeiro, tem muito estrangeiro, muito branco aqui, principalmente na região que a gente mora. [...] Que é um...um bairro assim, vamos dizer, privilegiado. É um condomínio dentro de um condomínio [...]. Então pra você entrar aqui dentro do nosso bairro tem segurança também, mas nesse bairro tem vários condomínios.

Entrevistador: Uhum. E por que, assim, o fato de você ser branca ajuda?

Ana: Porque eles sabem que os brancos têm dinheiro. (Ana - Nigéria).

Na sequência 10, Ana traz o fato de que os estrangeiros têm motorista. Está presente aqui o não-dito de que os locais não têm acesso a esse benefício, trata-se de uma diferenciação entre os locais e os estrangeiros. O uso da conjunção adversativa "mas" leva a interpretação para outro conjunto de saberes, pois normalmente ter um motorista é luxo, o que, na situação de Ana, corresponde a cuidar da segurança dos



estrangeiros, servindo também como mediador entre os locais e os estrangeiros em caso de necessidade. Chama a atenção o fato de Ana dizer que, tendo um motorista, "não precisa se envolver". Esse dizer nos leva a confirmar que ela está confortável nesta posição de estrangeira e que não é de seu interesse participar tão de perto desta outra cultura. Para se envolver e resolver alguma situação nesse outro lugar, é preciso invocar regras e sentidos que não fazem parte do seu conjunto de saberes, assim, para Ana, é mais fácil permanecer na posição em que se encontra.

O uso do pronome "eles", ainda na SD 10, faz também uma distinção, uma separação entre os locais "eles" e os estrangeiros "nós". A cultura pode ser usada como uma ferramenta na construção do outro, afirmando diferenças e legitimando a hierarquização. Cria-se uma espécie de bolha que os protege do apavorante lá fora que habita essa cultura. Estabelece-se aí uma relação de poder entre o estrangeiro, aquele que tem dinheiro, e os nigerianos, aqueles que não têm. O termo expatriado de que Ana lança mão também marca uma valorização do estrangeiro, como já tratamos.

Na SD 11, observa-se novamente a relação de poder entre os estrangeiros e os locais. Ana ressalta o fato de ter muito estrangeiro na Nigéria pelo uso do advérbio de intensidade "muito", além da repetição da palavra estrangeiro. A palavra, neste recorte, desliza e, além de significar aquele que vem de outro lugar, de outra cultura, se refere também à cor da pele branca. Ser estrangeiro na Nigéria é também ser branco. Essa fronteira estabelecida entre os locais e os estrangeiros pode ser observada também quando Ana nos diz que na região onde mora há muitos estrangeiros, trata-se de um bairro privilegiado, com seguranças que estão ali para manter essa fronteira. Fronteiras imaginadas a partir das diferenças estabelecidas e de onde emana o poder, bem como a desigualdade social característica do sistema capitalista, o que dá poder àqueles que detêm o capital financeiro e define aqueles que não têm como preguiçosos, incompetentes e responsáveis pela sua pobreza. Essa pobreza é, então, legitimada pelo mercado e pela divisão do trabalho.

É válido observar, ainda, a modalização empregada por Ana ao falar do bairro onde mora. Ela diz que é um lugar "vamos dizer" privilegiado. Chama-nos a atenção o mecanismo de atenuar o sentido de privilegiado, pois podemos entender como "privilegiado" naquele lugar, diante daquela configuração social, mas talvez não em outros. Ana usa duas terceiras pessoas do plural, uma nominada e a outra não. "Eles" x



“os brancos”. “Eles” corresponde aos negros, e “os brancos” aos estrangeiros. Ela não se inclui, não usa “nós” para se referir aos brancos, apesar de a entrevistadora usar “você” na pergunta. Há uma marca de estrangeiridade em relação a si mesmo, é vergonhoso ter dinheiro em um país tão pobre. Ela parece não admitir dizer “nós temos dinheiro”, bem como evita dizer “os negros”, referindo-se a estes como “eles”. Assim, retomando o dizer de Ana, ser branco ajuda, pois ser branco significa ser estrangeiro, significa ter dinheiro, o que facilita a convivência nesta outra cultura, lhe dá um estatuto de superioridade e até a exime de certas regras.

O desejo de fazer parte da outra cultura e ser confundido com o outro, de fazer parte do “eles”, comumente observado nos discursos de imigrantes em países desenvolvidos, toma outra forma quando em países periféricos. Neste caso, o “nós” cria a ilusão de uma identidade fechada para os estrangeiros que lá estão, ao passo que se observa um “eles” distante do qual os sujeitos não desejam fazer parte.

Enfim, seja através de um olhar de quem faz parte ou de quem se exclui, é sabido, por meio de pesquisas de órgãos como a ONU e o Banco Mundial, que a África é o continente mais pobre do mundo, está situado abaixo do nível da pobreza. Além disso, agrava a situação a desnutrição, o avanço de epidemias, os conflitos armados, o atraso econômico e a ausência de uma sociedade de consumo, o que não gera interesse aos países centrais, que dominam o mundo globalizado e, portanto, relegam a África ao total abandono.

4. Considerações Finais

Observamos que os sujeitos participantes desta pesquisa, ao se perceberem nos países periféricos Angola e Nigéria, assumem o lugar do colonizador, sentindo-se superiores e, muitas vezes, negando a participação nesta cultura, preferindo ser reconhecidos como estrangeiros, como aqueles que não fazem parte, não pertencem.

Essa hierarquização leva-nos a pensar a relação de superioridade na qual se colocam os imigrantes brasileiros na África, conforme constatamos nas SDs apresentadas neste estudo. Estes sujeitos identificados com o mundo desenvolvido, dito civilizado, buscam distanciar-se dos locais africanos, como mostramos em nosso gesto de interpretação, ou no caso daqueles que se relacionam de forma mais aproximada com



os locais e sofrem retaliações dado o fato de serem vistos como representantes do colonizador e, portanto, constituem o perigo. Além disso, estes imigrantes apresentam-se sempre como expatriados, ou seja, alguém que vai a trabalho para contribuir para o desenvolvimento deste povo atrasado, o que evoca o imaginário de que eles não têm condições de fazer este trabalho, mesmo que esta não seja a situação.

A relação que se tem entre os países no contexto mundial faz parte da estrutura na qual se organiza a formação social capitalista. O atraso e a pobreza de alguns países fazem parte desta estrutura, ou seja, para alguns serem desenvolvidos, outros devem ser periféricos e se subjugam aos interesses daqueles. Para se chegar a essa organização do poder, parte-se da inversão pura e simples da força de trabalho, na parcelarização do trabalho ou pela escola que terá como função a separação do trabalho manual e intelectual, como aponta Escobar (1979, p. 186). Dessa forma, separa-se o mundo em classes, desautorizando o saber aos países periféricos e deixando a cargo dos países desenvolvidos a função de produzir o conhecimento científico. No entanto, é importante lembrar que existem falhas e brechas nesta estrutura por onde pode emergir a resistência.

Referências

- ALTHUSSER, L. (1973). Apresentação de Louis Althusser. In: HARNECKER, M. Conceitos elementais do materialismo histórico. São Paulo: Edições Sociais, 1973.
- BAUMAN, Z. **Danos Colaterais: desigualdades sociais numa era global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- _____. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ENRIQUEZ, E. O homem do século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável. In: **RAE - eletrônica**, v. 5, n, 1, Art. 10. jan. /jun. 2006.
- FREUD, S. (1930). Mal-estar na civilização. In: FREUD. **O futuro de uma ilusão, o**



mal-estar na civilização e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 65-174. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

HAROCHE, C. Processos psicológicos e sociais de humilhação: o empobrecimento do espaço interior. In: HAROCHE, C. **A condição do sensível:** formas e maneiras de sentir no Ocidente. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

LACAN, J. J. (1993). Televisão. In: LACAN. **Outros escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. (1964). **O Seminário,** livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LIMOEIRO-CARDOSO, Miriam. Ideologia da globalização e (des)caminhos da ciência social. In: GENTILI, Pablo (org). **Globalização excludente.** Desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

ORLANDI, E. **Análise em discurso:** sujeito, sentido, ideologia. 2ª ed. Campinas: Ed. Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. (1979). Foi propaganda mesmo que você disse? In: ORLANDI, E. P. **Análise de discurso:** Michel Pêcheux. Textos Selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2011.

_____. (1984). Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. In: **Décalages:** vol. 1: Iss. 4. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1072&context=decalages>. Acesso em 10.nov.2016.

_____. (1975). **Semântica e Discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. 4 ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2009.

Submetido em: 02/04/2018. Aprovado em: 19/07/2018.

